

**Família,  
Educação e  
Desenvolvimento  
no séc. XXI**

**Olhares  
Interdisciplinares**



# **Família, Educação e Desenvolvimento no séc. XXI**

## **Olhares Interdisciplinares**

### **Organização**

Natália Ramos  
Elisabete Mendes  
Ana Isabel Silva  
José Porfírio



**INSTITUTO  
POLITÉCNICO  
de PORTALEGRE**

# Automutilação em Adolescentes. Identidade e Sofrimento à Flor da Pele

NATÁLIA RAMOS

LEONIA TEIXEIRA

## Resumo

A adolescência instaura desafios ao sujeito, particularmente ao sujeito em sofrimento, quanto às vivências do corpo e da sexualidade, às relações com as instâncias parentais e com os pares, bem como, quanto às experiências da temporalidade e da espacialidade, que podem desencadear desorganizações subjetivas que se apoiam nos campos da violência, da depressão, do suicídio, da toxicodpendência e das práticas de automutilação corporal. Sujeitos-adolescentes aparecem como figuras que colocam em cena estratégias de sobrevivência, desencadeando patologias e cações destrutivas dos seus próprios corpos.

O corpo, cenário hegemónico de construção subjetiva, constitui espaço de expiação do sofrimento através de flagelações autoinfligidas, indicando o declínio dos recursos de elaboração e representação do sofrimento. Através da dor e do sangue, meninas adolescentes buscam inscrever na materialidade corpórea o sofrimento que não é representado psiquicamente. Neste trabalho, procura-se fazer uma análise dos atos de mutilação autoinfligidos por adolescentes do sexo feminino, cujo núcleo de experiências consistia nos modos como vivenciavam e representavam os seus corpos, sendo essas vivências e representações comunicadas e disponibilizadas, através de blogs de adolescentes na internet. Nestes blogs, as práticas de automutilação aparecem frequentemente ligadas a quadros de anorexia e bulimia, coincidindo, assim, com modalidades de autocontrolo psicopatológico. Através dessas narrativas em meio virtual, adolescentes de sexo feminino apresentam os seus corpos, geralmente em momentos de sofrimento, como aqueles que por meio de comportamentos mutiladores, visam atenuar a dor psíquica pelo infringir de dor física. Tais manifestações de automutilação correspondem a formas de comunicação do sofrimento e a tentativas de estabelecer laços com a vida, fazendo com que, pelas vias do sofrimento materializado em dor, em sangue e em marcas – cicatrizes – a vida seja afirmada, mesmo que pela negativa, ou seja, por atos que parecem evidenciar tentativas de morte.

45

## Introdução

A adolescência é caracterizada como um período de reorganizações identificatórias e identitárias, no qual as mudanças do corpo e dos papéis sociais exigem um intenso trabalho de elaboração psíquica, já que, concomitante à emergência da puberdade, o contexto social reclama resoluções de ordem distinta das colocadas em cena na constelação familiar infantil. O adolescer instaura desafios ao sujeito em sofrimento, quanto às vivências do seu corpo, da sexualidade, às figuras de referência, às relações com os seus pares e com as vivências da tempo-

ralidade e da espacialidade. Sair do campo familiar como espaço de segurança e de protecção significa, além de ampliar os vínculos e de se inserir no laço social e cultural, inaugurar um espaço psíquico complexo constituído pela submissão às leis que regem a vida colectiva, pela aceitação de valores, regras e obrigações (Kehl, 2004; Lesourd, 2004; Alberti, 1999; Birroux, 1996).

A adolescência na atualidade tem de ser considerada, tanto do ponto de vista estrutural da constituição subjetiva e das mudanças relativas à sexualidade, às mudanças corporais e às figuras de referência, como, também, fruto

das implicações que as transformações sociais e culturais e os meios de comunicação social exercem sobre os sujeitos. Principalmente, quando se fala na perda dos referenciais simbólicos, na transitoriedade do ser no social, na insegurança que permeia esses sujeitos frente às novas modalidades de ligações afetivas e culturais, seja no meio social mais amplo, seja no espaço familiar, onde se verifica a falência das funções parentais na estruturação subjetiva do adolescente, particularmente a desorganização de vínculos familiares no que diz respeito à ordem das gerações e às relações interrelacionais (Ramos, 2008b, 2004).

A entrada na adolescência traz à tona questões relativas ao narcisismo, à integração e representação do eu e aos recursos com os quais o sujeito conta para fazer frente a estas mudanças, já que a entrada no laço social consiste numa tarefa complexa.

Tais mudanças têm um impacto de alguma magnitude e particularidade em adolescentes que podem viver as exigências da nova dinâmica psíquica com desestabilização, sendo, muitas vezes, no campo do risco que o adolescente se constitui.

A experiência corporal constitui um dos aspectos mais importantes que se coloca em cena na contemporaneidade, especialmente no momento da passagem adolescente, que não se resume ao momento da adolescência como fase do desenvolvimento, mas abrange operações psíquicas de abandono das posições infantis e de conquista de posições adultas, que têm no laço social os seus suportes.

O interesse pela experiência corporal na passagem adolescente é particularmente importante, numa época em que o corpo constitui o parâmetro central para as concepções de saúde, doença, normal, patológico, vida e morte, bem como o modelo normativo de beleza e de boa forma física (Bauman, 2008, 2007b; Birman, 2003, 2000); Costa, 2004; Le Breton, 2004, 2003b; Lipovetsky, 2004; Ortega, 2008.

Birman (2003: 166) denomina de “cultura da imagem” tal cenário civilizacional, no qual o corpo aparece como hegemônico, em que o subjetivo cede lugar a uma tendência à “estetização da existência”.

A supervalorização corporal contemporânea e a escassez de possibilidades de mediação simbólica, em função do enfraquecimento das instituições familiares e sociais que já não norteiam o sujeito, nem constituem referências subjetivas, despertam a atenção para as repercussões no corpo e suas vicissitudes adolescentes, nomeadamente no campo do risco, vias de escape frente às ameaças de aniquilamento e desorganização, pelas vivências traumáticas postas em cena na passagem adolescente.

Cadoret (2003: 215) aborda o tema a partir do con-

texto sócio-histórico-político, no qual, segundo a autora: “Tudo tem que ser posto à prova pela palavra, pelo acto e pela marca (...). O que resta às adolescentes? Como podem elas legitimar-se, senão pela própria marca? Como marcar as suas experiências e significar os seus ideais? Como marcar a filiação, a identidade, a pertença? Como marcar o sexo e as gerações? Os laços entre fertilidade e procriação? Entre pertença e filiação? Entre os vivos e os mortos? Entre os sexos?”.

Os atos de automutilação infligidos por adolescentes do sexo feminino podem ser exemplificados, tanto pelas práticas culturalmente aceitas e normatizadas como as da tatuagem, do piercing e do alargamento de orifícios corporais (Le Breton, 2003, 2002a; Pérez, 2006; Teixeira, 2002c, 2001b; Tenenhaus, 1993), como e, principalmente, por actos solitariamente infringidos através do uso de instrumentos cortantes e mutiladores que cortam, rasgam, perfuram, queimam partes do corpo, consistindo cenas de tortura e expiação protagonizadas por sujeitos que tencionam viver na materialidade corpórea o que não passa pela elaboração psíquica. Como afirma Le Breton (2003, 9), “Os golpes corporais (incisões, perfurações, escarificações, queimaduras, escoriações, lacerações, etc) constituem um meio extremo de luta contra o sofrimento (tal como, as condutas de risco, mas num outro plano) e eles reenviam ao uso da pele e à sua utilização, também como sinais identitários através da forma de feridas”.

As incisões autofabricadas pelas adolescentes vão além da superfície cutânea, atingindo o psiquismo, “cortando e fazendo sangrar” a subjetividade. Corpo e psiquismo equivalem-se (Freud, 1921/1976), daí podermos supor que o sujeito é corpo e o corpo é sujeito, não constituindo duas entidades distintas. Deste modo, os traumatismos, os desamparos extremamente precoces inscrevem-se diretamente sobre o corporal, em detrimento de toda a possibilidade de elaboração psíquica (Debray, 2001; Dias, 2004; Teixeira, 2004; Volich, 2000).

### Adolescência e Automutilação

Na adolescência, o corpo parece ser o cenário no qual as subjetividades se constroem, sendo figurado a partir de práticas que se situam no campo do risco, tais quais as experiências, comuns aos quadros psicopatológicos dos transtornos da oralidade – anorexia, bulimia, comer compulsivo, vomitar – atestam.

Tais experiências de risco são exemplificadas com atos de cortar-se, perfurar-se, bater-se; aparecendo, muito frequentemente, vinculadas à culpabilidade, ao masoquismo e ao narcisismo, remetendo a momentos precoces da constituição subjetiva.

Os adolescentes legitimam pelas marcas corporais as

suas experiências e ideais, a sua pertença e identidade, a sua dor e sofrimento.

Esta investigação teve como objectivo analisar as representações e vivências do corpo, construídas por adolescentes do sexo feminino que se automutilam, a partir das significações atribuídas às experiências corporais comunicadas e disponibilizadas em Blogs de Adolescentes da Internet (Rocha,2003; Rucruero,2003), sobre anorexia. Procurou-se fazer uma análise dos atos de mutilação autoinfligidos, cujo núcleo de experiências consistia nos modos como vivenciavam e representavam os seus corpos, nomeadamente em relatos de experiências ligadas à rotina diária: ao acordar, ao fazer a higiene, aos comportamentos nas refeições e, especialmente, às estratégias de controlo alimentar –, pelos quais apresentavam os seus corpos, geralmente em momentos de sofrimento, como nos que, por meio de comportamentos mutiladores, visavam atenuar a dor psíquica.

Nesse sentido, foram analisados os seus testemunhos e narrativas disponibilizadas em meio virtual, tendo sido acompanhados cinco blogs de adolescentes, durante o período de três meses.

[www.anamia.zip.net](http://www.anamia.zip.net)

[www.anorexia.zip.net](http://www.anorexia.zip.net)

[www.caminhoanna.blog.ig.com.br](http://www.caminhoanna.blog.ig.com.br)

[www.mysacrificeforana.weblogger.terra.com.br](http://www.mysacrificeforana.weblogger.terra.com.br)

[www.semcomida.blogger.com.br](http://www.semcomida.blogger.com.br)

Os blogs foram visitados aleatoriamente e foram preservados o sigilo e o anonimato das participantes.

Os blogs constituem uma forma de investimento intelectual, afetivo e imaginário, e são tomados como espaços de escrita de si, escrita autobiográfica (Santos, 2006; Schittine, 2004; Sibilia, 2005, 2003; Souza, 1997) tal como a nomenclatura weblogger (diário na internet) indica. Este tipo de narrativa e de escrita constitui tema de interesse quando a construção adolescente a tem como suporte, constituindo-se os processos de subjetivação à medida que a escrita se processa, num processo que implica a inserção no laço social pelo meio virtual. Nestes blogs, intitulados pelas próprias autoras como blogs pró-anorexia, através da narração e da comunicação, as adolescentes dão razão à anorexia e justificam-na, dando-lhe sentido com elementos mediáticos altamente valorizados socialmente, como a magreza. A imagem magra é exibida como símbolo para o alcance do poder, da sedução, da felicidade e do reconhecimento social

Há, em abundância, sites e blogs acerca do fenómeno das automutilações, embora não sejam assim considerados pelos adeptos, quando estão em foco práticas da tatuagem, do piercing, da escarificação. Porém, esses sites e blogs destacam modalidades de lidar com a corporeidade que extrapolam o fenómeno adolescente,

muitos, inclusive, situando-se nos campos da body-art e das encenações artísticas (Costa, 2003; Jeudy, 2002; Le Breton, 2002); Ortega, 2008, 2004; Vale, 2007; Teixeira, 2003a, 2003b.

Nestes blogs, diários virtuais, “diários na rede” as práticas de automutilação, aparecem frequentemente ligadas a quadros de anorexia e bulimia, coincidindo, assim, com modalidades de autocontrolo psicopatológico. O lugar dos pares nessas práticas corporais é importante, como se no laço fraterno se situasse a possibilidade de retorno ao maternal, à proteção, aos estados precoces nos quais o paterno fica de lado, como se as estratégias adolescentes derrubassem os discursos de autoridade e de referência.

O sofrimento, para essas meninas, constitui não conseguir seguir a dieta de vida que se impõem: reduzir a zero o apetite, controlar calorias, dormir em excesso, afastar-se da vida social quotidiana, por exemplo.

A ênfase é nestes blogs atribuída à aparência física, sendo desvalorizados os estados fisiológicos e as condições orgânicas e subjectivas para a realização das actividades quotidianas, tal como exemplificamos nos extratos apresentados seguidamente:

“Eu odeio saber que comi... Odeio mesmo, principalmente quando sou forçada a comer...”

“Eu morro se comer. Dizem que vou morrer assim, mas não sei como. Se comer, se me encher é que morro. Prefiro ta morta pros outros e vivinha pra mim. Vcs compreendem?”

“Pqp é a maldita compulsão! Que ódio! Ela vem quando menos se espera... Parece até aqueles desenhos animados, com um anjo de um lado e um capetinha no pé do ouvido... É uma guerra física e psicológica, quem passa por isso sabe... Não quero mais ter esse corpinho, que não é um corpinho. Só eles não enxergam”.

A vivência corporal resume-se a prescrições dietéticas, sendo o sujeito e as suas vicissitudes reduzidos aos aspectos biológicos do corpo, à imagem corporal:

“Hoje não escrevi, mas não parei de estudar os blogs de vcs, minhas amigas!!! e agradeço o que aprendi. Não fui à escola e nem tenho vontade de ir mais. Vou só para não me verem aqui em casa. Sabe que uma colher pequena de chá quente faz vomitar tudo logo? Tem que ser bem quente e amargo. O Dalai-Lama toma depois de comer. Ele não vomita, mas funciona. Quando falo em vomitar, dá logo vontade. Nem precisa meter o dedo mais na garganta”.

Há um predomínio das sensações de vazio que, paradoxalmente, são vivenciadas pelas adolescentes como estados de plenitude na existência:

“Tô deitada desde ontem. Nem to aí pra ninguém. To bem assim. To vendo, deitada, minhas pernas cortadas.

Fiz isso tudo no mês passado e gosto de ver, de passar a mão nas marcas. São tirinhas, nem parece uma perna. Dá prá vcs verem daqui?”

A desmesura constitui o aspecto que marca as relações dos sujeitos-adolescentes consigo e com seus corpos, bem como com o Outro. A percepção da imagem corporal não condiz com o estado no qual a adolescente se encontra, apresentando-se através de discursos pobres em termos de simbolismo e de metáforas:

“Bem, desde o dia 06/06 eu perdi 4 kg... Não era o que eu esperava mas tbm é melhor do que nada. O mal é que eu não pude fazer no food, o que atrapalha e muito, sem contar aniversários de parentes, avó que faz vc comer de tudo (sempre tem alguém para atrapalhar)”.

“Meu corpo é perder peso. Quando não consigo, não sinto nada e tenho que sentir. Aí me corto toda. No food é minha filosofia de vida”.

As referências a familiares e amigos são feitas de modo escasso e, muitas vezes, enquanto a família, os pais mostram preocupação, as adolescentes vão-se afastando deles, situando-os como secundários e elegendo as amigas da internet como cúmplices e verdadeiramente companheiras. Percebemos a primazia das dificuldades psíquicas, relacionais e de afastamento progressivo das atividades cotidianas:

“Minhas únicas amigas são vcs, por saberem de mim. Os outros não entendem nada e querem me levar, de novo, ao doutor. Não vou de jeito nenhum, nem que tenha que morrer”.

As automutilações são frequentes em momentos de angústia, nos quais pensamentos de fracasso, de desânimo e de incapacidade misturam-se a percepções e sentimentos de não serem merecedoras do amor dos outros, de não serem suficientemente capazes de atrair a atenção e o desejo daqueles que consideram importantes:

“Eu acho muito triste passar por este planeta e não deixar nenhuma marca e é isso mesmo que eu tô fazendo comigo. Eu me decepiono e por isso me castigo e aí me decepiono mais ainda e me castigo de novo e isso nunca acaba... Me faço doer, ficar manchada de sangue. Não suporto meu corpo, o corpo que tenho.

Antes quando eu pensava nisso, até chorava. Hoje já nem choro mais... já me acostumei com a idéia... já me acostumei com a idéia de ter um câncer ou alguma doença grave. Só preciso me acostumar com a idéia de que quando eu chegar do outro lado, a coisa vai ficar pior...”

### Considerações Finais

Concluimos que as práticas de automutilação, em blogs de adolescentes, estão fortemente relacionadas a quadros de anorexia e bulimia e a modalidades de

autocontrole psicopatológico. Mutilar o corpo, através de perfurações e cortes consiste em atos que pedem análises e intervenções terapêuticas não reducionistas, consistindo em manifestações de desorganização da imagem corporal que indicam constituições precoces vulneráveis em termos psíquicos, bem como, fenômenos que implicam sentidos culturais e sociais complexos e plurais. Daí a necessidade de abordagens interdisciplinares e interculturais que tenham em conta uma abordagem multidimensional e que respeitem a subjetividade e a complexidade de tais fenômenos.

As medidas educacionais, para serem eficazes e proveitosas, não podem basear-se em pressupostos morais de que tais práticas prejudicam, podendo trazer consequências nefastas para a vida das adolescentes e dos seus familiares, já que as experiências e representações que as adolescentes vivenciam dos seus corpos, se apoiam em bases diferenciadas dos modelos de normalidade médicos e sociais.

Ser magra constitui-se, para as adeptas do culto da anorexia e da bulimia, como estilos de vida e não como traços psicológicos que comportam sofrimento e que se revelam em sintomas médicos preocupantes, como a magreza extrema, a amenorreia, os problemas fisiológicos, como perturbações no sono, na memória, no tônus e postura musculares, além das implicações sociais, como isolamento social e afastamento progressivo da família e de ideais compartilhados.

A prevenção dos quadros de transtornos da imagem corporal e do esquema corporal deverá ter em conta, também, a vida cotidiana das crianças e adolescentes a partir de estratégias de participação nas instituições familiares e escolares que possibilitem representações das suas experiências corporais, familiares e sociais, incluindo a construção de ideais – traço importante na passagem adolescente.

É importante, também, o descentramento e desconstrução de imagens sociais padronizadas pelos media, como hegemônicas e inquestionáveis. Os media estão permeados de símbolos que seduzem e trazem promessas de felicidade, de sucesso e de poder se obedecidos e seguidos.

É necessário a construção de espaços de diálogo e escuta nas escolas, nos quais as dores psíquicas, os lutos da infância (do corpo infantil, dos pais, da onipotência infantil) possam ser tematizados e elaborados e também, intervenções com as famílias já que, em muitos casos, as adolescentes constituem os “sintomas” do que não vai bem na estrutura familiar.

Observamos a importância de se considerar os fenômenos que envolvem a constituição dos contornos do corpo e a sua representação, bem como o papel da dor nestes fenômenos, privilegiando a corporeidade na cons-

trução subjetiva singular e coletiva, na qual a experiência de “tornar-se Outro” é tematizada como operador teórico-clínico da passagem adolescente (Rassial, 1996). No campo do risco, constituem modalidade de fuga e de proteção face às ameaças de aniquilamento e desorganização pelas angústias e conflitos colocados em cena pelos enigmas do adolecer.

As práticas de mutilações corporais autoinfligidas por meninas merecem ser abordadas como paradigmáticas das subjetividades contemporâneas, especialmente pelo carácter ético que ocupam na constituição da corporeidade (Gil, 2001, 1997), já que encenam tragicamente variações culturais do solo social no qual nos constituímos. O cenário sociocultural atual, no qual a cultura somática é premente, constitui o horizonte hegemônico nos quais os processos subjetivos têm lugar (Costa, 2004). Assim, entendendo a passagem adolescente como correspondente à inscrição no laço social, afirmando o sujeito na sua participação nas comunidades de pares e na humanidade, obvio que sejam esses sujeitos-adolescentes que exacerbem os impasses subjetivos singulares e sociais, vivenciando experiências que envolvem o risco e o excesso, a desmesura, o pathos que marca os destinos humanos como mal-estar.

São importantes abordagens que tenham em conta a subjectividade, para além da implicação do sujeito e dos sentidos culturais da experiência da doença e do adoecer, inclusive das representações leigas que a demarcam (Ramos, 2008, 2006, 2004, 2003; Kleiman, 1980; Kleiman e Good, 1985; Spink, 2004, 2003; Teixeira e Bucher-Maluschke, 2008).

Neste sentido, os blogs de adolescentes constituem fontes importantes de representações do corpo e de comunicação da experiência subjectiva, da dor e da identidade de sujeitos em conflito e em sofrimento, que exigem intervenções sociais, educacionais e terapêuticas plurais, multidimensionais, sistêmicas e integrativas.

### Referências Bibliográficas

Alberti, S. (1999). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: JZ.

Bauman, Z. (2007). *Vidas Líquidas*. Rio de Janeiro: JZ.

Birman, J. (2003). Dor e sofrimento num mundo sem mediação. *Cultura Vozes*, 5, 25-29.

Birman, J. (2000). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Birroux, A. (1996). *Psicopatologia do adolescente*. In *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de*

Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Zahar.

Cadoret, M. (2003). *Le paradigme adolescent*. Paris: Dunot.

Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.

Costa, A. (2003). *Tatuagens e marcas corporais: atualizações do sagrado*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Costa, F. J. (2004). *O vestígio e a aura: corpo e consumo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.

Coutinho, M.da P.L. e Ramos, M. N. (2008). Distúrbios psicoafetivos na infância e adolescência: um estudo transcultural. *Psico*. Porto Alegre, PUC-RJ, v. 39, n.1, p. 14-20, jan/mar.

Debray, R. (2001). *Èpitre à ceux qui somatisent*. Paris: PUF.

Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo de crescer*. *Psicologia da Adolescência*. Porto: Afrontamento.

Lasch, C. (1991). *Culture of narcissism: american life in an age of diminishing expectations*. New York: Norton & Company.

Luzes, P.; Costa, M. F.; Diniz, J. S. (orgs.). (2006). *Sigmund Freud. 150 anos depois*. Lisboa: Fenda.

Freud, S. (1976). *Luto e melancolia (1919)*. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 2a. edição. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Jerusalinsky, A. (1999). *Traumas de adolescência*. In *APPOA. Adolescência entre passado e futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, p. 10-28.

Jeudy, H. P. (2002). *O corpo como objeto de arte*. Rio de Janeiro: Estação Liberdade.

Kehl, Ma. R. (2004). *A juventude como sintoma da cultura*. In *Novaes, R.; Vannuchi, P. Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Kleinman, A. (1980). *Patients and healers in the context of culture*. London: University of California Press.

Le Breton, D. (2007). *En souffrance, adolescence et entrée dans la vie*. Paris: Métailié.

Le Breton, D. (2003a). *L'adolescence à risque*. Paris: Hachette Pluriel.

Le Breton, D. (2003b). *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus.

Le Breton, D. (2002). *Signes d'identité. Tatouages, piercings et autres marques corporelles*. Paris: Métailié.

Lesourd, S.A. (2004). *A construção adolescente do laço social*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla. Mello Filho, J. de, & Burd, M. (2004).

Doença e Família. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Neves, SMR. (2003). Eu-pele, psicossomática e dermatologia. In: R.M. Volich; FC. Ferraz & W. Ranña (orgs). *Psicossoma III – Interfaces da psicossomática*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ortega, F. (2008). O corpo incerto. *Contemporaneidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond.

Ortega, F. (2004) Modificações corporais e bioidentidades In: Marcos, L. M.; Cascais, F. A. (Org.). *Corpo, técnica e subjetividades*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Pérez, A. L. (2006). A identidade à flor da pele. *Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade*. *Revista Mana*. 12(1), 179-206.

Pontalis, J-B. (2005). *Entre o sonho e a dor*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.

Ramos, N. (2008a). Família, cultura e relações intergeracionais. *Actas do Congresso Solidariedade Intergeracional*. (Lisboa, 12-15 Janeiro/05). Univ. Aberta, CEMRI.

Ramos, N. (2008b). Saúde, migração e interculturalidade: perspectivas teóricas e práticas. João Pessoa, PB: Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba.

Ramos, N. (2006). Relações e solidariedades intergeracionais na família – Dos avós aos netos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. 39, 1: 195-216.

Ramos, N. (2004). *Psicologia Clínica e da Saúde*. Lisboa, Universidade Aberta.

Ramos, N. (2002). Educação, saúde e culturas – Novas perspectivas de investigação e intervenção na infância. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. 36, 1, 2,3: 463-487.

Rassial, J.J. (1996). *Le passage adolescent*. Ramonville: Éres.

Rosa, M. D. (2002). Adolescência: da cena familiar à cena social. *Psicologia USP*. V.13, n.2, p. 227-242.

Rucruero, R. C. (2003). Weblogs, webrings e comunidades virtuais. *Centro de Estudos e Pesquisas em Cibercultura*, 3 (31): 1-15. Internet: [<http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>] Acesso em 20/04/2004.

Santos, R. P. (2006). Invenção possível de si num espaço virtual. *Narrar - Construir - Interpretar*, 30, 145-151.

Schittine, D. (2004). *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Sibilia, P. (2005). A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenómeno dos blogs. *Revista de Biblioteconomia e Comunicação*, 11 (2), 35-51.

Sibilia, P. (2003). Os diários íntimos na internet e

a crise da interioridade psicológica. In A. Lemos & P. Cunha (Org.), *Olhares sobre a cibercultura* (pp.139-152). Porto Alegre:

Editora Sulina.

Spink, M. J. (2004). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Porto Alegre: EdUPUCRS.

Spink, M. J. (2003). *Psicologia social e saúde*. Petrópolis,RJ: Vozes.

Souza, E. (1997). O eus nos textos: escrito de adolescentes. In Associação Psicanalítica de Porto Alegre. *Adolescência entre o passado e o futuro* (pp.203-211). Rio de Janeiro: Artes e Ofício.

Teixeira, L. C. e Bücher-Maluschke, J.S.F. (2008). O sofrimento e seus destinos: psicologia, psicanálise e práticas de saúde. Brasília, DF: Universa.

Teixeira, L. C. (2006). Morte, luto e organização familiar: à escuta da criança na clínica psicanalítica. *Psicologia Clínica*, v. 18(2), 63-76.

Teixeira, L. C. (2004). El cuerpo en la contemporaneidad y la clínica psicossomática - Body in contemporary and the psychosomatic clinic. *Terapia Psicológica*, Santiago - Chile, v. 22(2), 171-176.

Teixeira, L. C. (2003a). Um corpo que dói: considerações sobre a clínica psicanalítica dos fenómenos psicossomáticos. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line*, 1 (1), 21-42.

Teixeira, L. C. (2003b). Dor e inscrição social do corpo: implicações clínicas. In: Costa, I. I.; Holanda, A. F.; Martins, F. M. M. C.; Tafuri, M. I. *Ética, linguagem e sofrimento*. VI Conferência Internacional sobre Filosofia, Psiquiatria e Psicologia. Brasília: Gráfica e Editora Positiva.

Teixeira, L. C. (2002a). Os lugares do sofrimento e do processo de cura entre medicina e psicanálise: reflexões sobre a iatrogenia. *Revista Universa: Ciências biológicas, da saúde e médicas*, Brasília - DF, v. 1, n. 1, 81-94.

Teixeira, L. C. (2002b). Função paterna, fratria e violência: sobre a constituição do socius na psicanálise freudiana. *Psico-USF, Bragança Paulista*, v. 7, n. 2, p. 195-200.

Teixeira, L. C. (2001b). Articulações entre antropologia e psicanálise: Mauss, Lévi-Strauss, Clastres e Freud. *Acheronta Revista de Psicoanálise y Cultura*, Buenos Aires, v. 13.

Tenenhaus, H. (1993). *Le tatouage à l'adolescence*. De la représentation graphique à la représentations psychique: Le corps médiateur. Lisboa: Bayard.

Vale, R. L. (2007) Um olhar psicanalítico sobre tatuagens e cirurgias plásticas estéticas In: Fontenele, L. B.; Carvalho, D. F. (org.). *Anais do IV Congresso Nacional*

de Psicanálise da UFC – Pulsão, desejo e fantasia. Fortaleza: Expressão Gráfica. v.1. 437p.

Volich, R. M. (2000). Psicossomática. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Weinberg, C. (2001). Geração delivery: adolescer no mundo atual. São Paulo: Sá.

### **Natália Ramos**

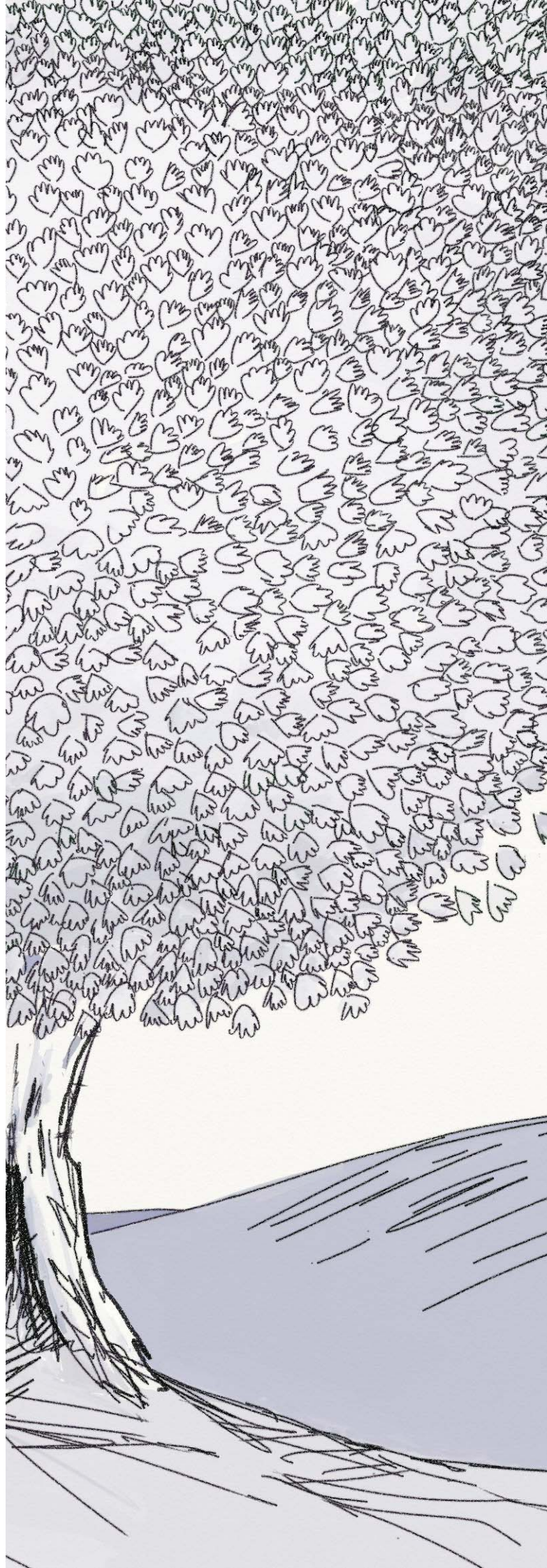
Psicóloga; Doutorada e Pós-Doutorada em Psicologia, especialidade Clínica e Psicopatologia Intercultural, pela Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne; Especializada em Antropologia Fílmica pela Escola Prática de Altos Estudos, Sorbonne; Professora Associada da Universidade Aberta; Investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI), onde coordena o Grupo de Investigação “Saúde, Cultura e Desenvolvimento”. Tem orientado e acolhido numerosos projetos de investigação de Mestrado, Doutoramento e Pós- Doutoramento. Tem lecionado e pesquisado em vários domínios científicos, nomeadamente, nas áreas da comunicação, educação, psicologia, saúde, antropologia fílmica, interculturalidade e migrações e publicado nestas áreas científicas no país e no estrangeiro. É autora de diversos filmes científicos etnopsicológicos sobre famílias e crianças autóctones e migrantes, originárias de diversas culturas e de minorias étnico-culturais.

E-mail: natalia@uab.pt.

### **Leônia Teixeira**

Psicóloga. Graduada em Psicologia pela Universidade de Fortaleza; Mestre em Educação pela Universidade do Ceará; Doutorada em Saúde Colectiva pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Universidade de Paria 13; Pós Doutorada em Psicologia pela Universidade Aberta; Professora Titular da Universidade de Fortaleza, UNIFOR, onde é docente e pesquisadora dos Programas de Graduação e Pós- Graduação em Psicologia e membro da Coordenação do Laboratório de Estudos de Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social. Autora de diversos trabalhos na área da clinica, da educação e do social.

E-mail: leoniat@unifor.br



Família, Educação e Desenvolvimento no séc. XXI:  
Olhares Interdisciplinares

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor:  
© 2012, Instituto Politécnico de Portalegre - Escola Superior de Educação

Maio de 2012

ISBN: 978-989-96701-3-6



INSTITUTO  
POLITÉCNICO  
de PORTALEGRE

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt

**CEMRI**  
CENTRO DE ESTUDOS DAS MIGRAÇÕES  
E DAS RELAÇÕES INTERCULTURAIS